

IX ENEPEX/ XIII EPEX-UEMS E XVII ENEPE-UFGD

PARA ENSINAR A MATEMÁTICA ATRAVÉS DO TAKUA OU TAQUARY NA ALDEIA JAGUAPIRE

Vionicia Ortiz Fernandes (vioniciaortizfernandes@gmail.com)

Rhuan Guilherme Tardo Ribeiro (rhuanribeiro@ufgd.edu.br)

Maysa Ferreira da Silva (maysasilva@ufgd.edu.br)

Maria Aparecida Mendes de Oliveira (mariaoliveira@ufgd.edu.br)

Esta pesquisa visa rememorar a tradição indígena Guarani Kaiowá e fortalecer a cultura tradicional na Aldeia Jaguapire, município de Tacuru, estado de Mato Grosso do Sul. Para a realização deste estudo instrumental, foi utilizado o instrumento conhecido como Taqua ou Taquary, que é um artefato que se usa na dança por mulheres indígenas, também denominada de Jeroky. O objetivo desse trabalho é fortalecer a tradição e, também, transmitir o ensino da matemática através desse instrumento - que facilitaria muito o aprendizado dos (das) estudantes em sala de aula, nas escolas indígenas da aldeia. A partir de um estudo de caso, em uma perspectiva qualitativa, é que se estruturou a escolha desse tema. A relevância da pesquisa está na necessidade de trazer à tona elementos da cultura indígena, visto que com a chegada dos não-indígenas e/ou com a saída dos naturais do território, os mais jovens quase estão esquecendo a cultura local. Com relação a dança aqui analisada, percebe-se que alguns ainda rezam e dançam, mas são poucos há poucos rezadores e poucas mulheres tocando takua ou takuary. O que se percebe é que nos dias de hoje os homens usam chocalho e as mulheres também. Através do instrumento Takua ou Takuary pode-se trabalhar com os alunos matematicamente, ensinando os preceitos do programa da etnomatemática e a importância desses saberes tradicionais para fortalecer a Educação Escolar Indígena, mostrando aos mais jovens a importância da cultura no fortalecimento do ensino. Antigamente a mulher só usava Takua, porque

IX ENEPEX/ XIII EPEX-UEMS E XVII ENEPE-UFGD

ñandesy upy usava só Takua para rezar e dançar, e apenas os homens usavam o chocalho. Sob esse aspecto, na realização das entrevistas, uma anciã da aldeia informou que a mulher que vai tocar esse instrumento tem que mandar fazer o Takua só para ela e ninguém pode tocar nela, ela tem que colorir com urucum (em guarani é yrucu), tem que treinar para sair bem o som, tem que ser um som igual, porque senão sai tudo errado. Ela ainda prossegue, afirmando que o Takua tem que ser batido no chão todos juntos para que o som saia igual. Isso se insere em um processo de educação indígena e da etnomatemática, que foge somente da literatura e se constrói na prática cultural da nossa comunidade.